

A Fraternidade

ORGÃO DOS CAIXEIROS E DO COMMERCIO EM GERAL

Quinzenario independente

Director,
João de Sousa

Secretario da redacção,
Francisco Guimarães

Administrador,
José Curvalho

Assignaturas (Pagamento adiantado)

Portugal, um anno 600 rs.—Semestre 300 rs.
Brasil (moeda forte) um anno. 1\$200 »

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua Barjona de Freitas, 36-2.º

Officina de impressão: Typ. «Minerva»—Famalicão

Annuncios (Preços convencionaes)

Não se publicam escriptos que tentem ferir
qualquer individualidade

EDITOR — FERNANDO MONTEIRO

O NOSSO BRINDE

PASSOU o primeiro anno após a fundação do nosso jornal e com elle mais uma illusão perdida, mais um innumeravel conjunto de forças gastas, talvez inutilmente. Invade-nos o espirito um desalento profundo e tortura-nos a alma o resultado improfituo, que colhemos dos nossos esforços dispendidos. Obstaculos enormes nos fizeram vacillar muitas vezes e perder quasi completamente a ideia sempre insistente de continuar a publicar o jornal, que é a metade da nossa alma, o affecto unico que possuímos.

Quantas e quantas horas perdemos com o pensamento fixo na nossa ideia, quantas noites de insomnia nos martyrisaram a rememorar o nosso immenso sacrificio! E passou um anno de luctas acerbadas, de persistente tenacidade, de desgostos immerecidos e longos para coroarmos o nosso primeiro anniversario com o mesmo mutismo absurdo, a mesma lethargia incomprehensivel, que encontramos na classe, quando nos propuzemos a defendê-la! Nem sabemos como continuar este assumpto: se festejar um anniversario faustoso, se lamentar uma data lugubre.

Moços cheios de vida, corações jovens, almas que hão de constituir as gerações futuras, espiritos illustrados e generosos quedam-se na contemplação d'um luxo exagerado e tolo, perdem a mocidade estouvadamente, lançam no mundo a exhibição tristissima d'um proceder incorrecto e condemnavel.

E' assim o espirito de época: vae a juventude arrastada pela corrente impetuosa, ardente, insaciavel, e combate a rotina julgando elevar o Progresso!

Tudo são cahos, reina a

confusão indescrível e incoherente. Como este estado de cousas se conserva, como esta anarchia ainda impera nem nós sabemos e nem lhe encontramos uma solução que satisfaça a todos, geral e indistinctamente.

Hoje retira-se um homem do movimento colectivo, porque a isso o obriga o pedantismo reles de muitos; amanhã uma irritação mal contida vem sublevar um grupo e promover discordia.

Se isto não é um lamaçal, se a classe ainda está a tempo de regenerar-se, se esta situação póde mudar definitivamente, eleja-se um poder sensato, constitua-se um novo estado colectivo e vamos resolutamente á conquista do Futuro, do Ideal e da Verdade.

Não prégamos o impossivel, nem desejamos glorias: comprehenda cada qual o seu dever, disponham-se todos a seguir o caminho que nos convem, colloquemos a lama e mais dejectos á grande margem que nos cerca e a realisação da nossa Ideia não é uma utopia, nem a nossa aspiração uma chimera.

Festejar o anniversario do nosso jornal é offerecer a todos os presados leitores um brinde de impagavel valor. Um anno de privações, obstaculos e sacrificias não se paga por preço algum...

Que o digam aquelles que mourejam como nós no grande campo da imprensa e que vêem em cada numero publicado o producto aturado d'um trabalho espirital. Assim, se lamentamos os nossos esforços perdidos, alegramo-nos tambem por termos cumprido o nosso dever e contribuido para debellar o grande mal que paralysa a nossa numerosa classe.

O mal vem de longe, bem o sabemos; mas tudo tem um remedio. Se fundassemos collectividade onde se

ministrasse a instrucção, se promovessemos conferencias uteis e comprehensíveis, se todos, em vez de se pavonearem ridiculamente, se dedicassem a illustrar-se, a serem homens, a serem uteis e necessarios, o mal encontraria um dique, um reducto intransportavel!

E', pois, o nosso artigo do anniversario uma lição de moral, um grito de protesto contra tudo que nos affecta, que nos ataca, que nos paralysa. Sirva elle, ao menos, de attenção a quem é dirigido e recebam-o como um brinde todos os que combatem o Despotismo, as Trevas, o cerceamento da Liberdade.



João Corrêa

ESCREVER hoje uma biographia, render homenagem a um homem, elevar as virtudes de um individuo é um trabalho penoso, arduo, ingrato. Sem sinceridade, sem interesse, sem a comprehensão clara do que se faz, os biographos da actualidade estendem um sem numero de palavras hypocritas e elogiosas e julgam descrever as qualidades de uma pessoa. Procurar um biographo sincero é o mesmo que julgar conhecer a extensão do infinito. Eis a razão porque fazemos um artigo da impressão que colhemos do seu character, em vez descrever uma biographia.

João Corrêa, a quem conhecemos ha muito tempo, sempre nos pareceu um espirito recto e algo claro; illustrado bastante, fugindo sempre de exhibir posições ridiculas que

tanto caracterisam o caixeiro de hoje, nunca ninguem disse que elle era um enfatuado, um presunçoso, um boneco de amostra.

Nunca é demais dizer que merecemos a critica de muitos escriptores, pelo motivo assás censuravel de nos vestirmos luxuosamente, pendurando-nos um charuto maior do que nós, e não sabendo, quasi sempre, escrever uma palavra sem a adornar com quatro asneiras.

Ora João Corrêa, se o não conhecessemos, ao defrontar-nos com elle, não diriamos que ia alli um caixeiro: modesto no vestir, nos gestos, nas palavras, no todo enfim, é uma das poucas excepções que se vêem no nosso meio. Sensato e justo, amigo de todos que o conhecem, nunca negou um obsequio, uma fineza; protector tolerante de muitos, generoso e franco para todos, nunca recusou auxiliar um collega, contribuir para o progresso da nossa collectividade, trabalhar para o bem commum.

A razão porque publicamos o seu retrato é bem manifesta.

Honrar o nosso jornal com a homenagem a um collega que todos estimam, é patentejar duplamente o nosso regosijo, ao completar a *Fraternidade* um anno de existencia.

SALVÊ!

PASSA com o presente numero o 1.º anniversario da *Fraternidade*. Eu, na qualidade de barcellense e amigo sincero do seu director e redactores, faço votos porque esta festa se repita por muitos annos e desejo que a *Fraternidade* sempre trilhe o caminho honroso com que se tem conduzido e a merecer a acceitação de todos, na defeza de tão sympathica como justa causa — o descanso dominical por lei.

Um bravo, pois, á *Fraternidade* e um abraço entusiastico de felicitações aos que n'ella escrevem.

Barcellos, 11—10—905.

CRUZ LIMA.

UM ANNO

Decorrido um anno em que, em Barcellos, um grupo de collegas fundou a *Fraternidade*.

Uma das grandes vantagens de lucta que uma classe opprimida pôde ter, para lhe servir de luz e lhe dar orientação, é, sem duvida, o jornal; e, jámais como a *Fraternidade* que, em toda a sua vida, tem mantido firme a sua linha de conducta traçada, lutando intemeratamente em beneficio dos caixeiros, sem que nas suas columnas haja apparecido um unico escripto offensivo para alguem.

A *Fraternidade*—titulo suggestivo e cheio de paz, corre de terra em terra a pugnar a harmonia dos caixeiros como um bem, a introduzir no espirito de todos nós a ideia de que evolucionando se ha-de vencer! Aqui, a prova evidente de que os directores d'este quizenario só querem que a classe se unifique, que todos os caixeiros formem um exercito disciplinado, cheio de ordem e de interesse pelo triumpho final da sua justa causa.

Um jornal assim orientado, merece que todos nós lhe prolonguemos a vida, que todos batalhemos debaixo da sua orientação, seguindo-lhe os conselhos.

Seria isto o caminho que todos os caixeiros deveriam tomar, se no seu espirito não houvesse a má vontade e o desinteresse de auxiliar os sinceros que luctam, gastando o melhor tempo da sua mocidade em beneficio de quem não sabe corresponder a estes grandes sacrificios.

Mas o peor, o que muitas vezes me causa certa revolta no espirito, é ver que os jornaes e as associações de classe são sustentadas por meia duzia de dedicados, d'aquelles que—por amor á causa—gastam o espirito e muitas vezes a saude.

Quem vae pedir a um collega o favor de assignar um jornal, como eu já o tenho feito, ouve ás vezes, como já eu tenho ouvido, que «não tem dinheiro para papeis». Isto é revoltante e dá vontade de a gente deixar de importar-se com a classe.

A redacção da *Fraternidade*, composta, como é, de rapazes dotados de uma energia inegalavel e que, para vencer todos os obstaculos, não hesitam em sacrificar a propria saude, tudo por amor á classe que na imprensa representam, merece, no dia de hoje, para elles de festa, uma saudação entusiastica.

Por isso eu, humilde caixeiro, não lhes regateio o meu louvor pela sua tenacidade no combate, pela fé com que luctam e pelo brilhantismo do seu jornal; e declaro, aqui, nas columnas d'este periodico, que nunca deixarei de prestar á *Fraternidade* o meu

auxilio; e peço a todos os caixeiros portuguezes que sigam o meu exemplo.

A' *Fraternidade*, pois, desejo mil prosperidades; e, ao seu corpo redactorial, dirijo as mais sinceras felicitações pelo seu primeiro anniversario.

Setubal. ROUXINOL.

Descanso dominical

Por muitas e muitas vezes a classe se tem dirigido aos poderes constituídos, com boas e gratas maneiras, pedindo um dia por semana para descanso das nossas fadigas

As respostas obtidas—que a causa, pela sua justiça, ha-de ser attendida—não satisfazem a classe, que quer ver obras e não promessas. D'estas estamos nós cheios!

São os caixeiros os que mais luctam pelo seu bem estar, e é esta mesma classe a que menos tem obtido. Seis dias de consecutivo trabalho, precisam de um para repouso, porque o labor constante atrophia, depaupera e põe em decadencia, não só a força muscular, mas mais ainda a acção espirital.

Se o patronato soubesse comprehender estes males que nos affectam, por certo veriamos que mais se interessariam pela victoria da causa em que os caixeiros se tem embranchado e não careceriamos de andar como o mendigo, de porta em porta e com o chapéu na mão, a pedir horas de repouso. Mas com o patronato,—que como já dissemos devia interessar-se pela nossa victoria,—não podemos contar.

Por isso, continuemos voltados para os poderes do Estado.

Se hoje nada obtivemos, voltemos amanhã com mais energia; e se ainda agora as nossas reclamações não foram satisfeitas, voltemos ao combate, cada vez com mais vigor, com mais tenacidade e firmeza, porque hávemos de vencer, quer evolucionando quer revoltando.

Mas antes evolucionando com persistencia, do que revoltando.

Luctemos, pois, sem um unico momento de descanso, em prol d'esse direito, d'essa justiça proclamada por espiritos scientificos e pela humanidade inteira.

Vizeu. J. C. G.

N. da R.—Por ter chegado tarde, não pôde ser publicado em o n.º passado da *Fraternidade*, este artigo.

Francisco Guimarães

Com enorme regosijo, participamos aos nossos queridos correspondentes e assignantes que entrou para a redacção da *Fraternidade*, o intelligente collega Francisco Guimarães, uma das figuras mais em destaque no movimento da classe local.

Este facto é não só motivo de alegria para nós, como é garantia de que esta folha ha-de continuar a seguir um caminho de rectidão e brio.

A minha saudação

Em o n.º 15 da *Fraternidade*, encontrei um convite a todos os assignantes e correspondentes para collaborarem no presente numero.

E, por isso, como convidado, tenho direito a escrever a minha saudação, quente e sincera, ao distincto quizenario defensor dos opprimidos, cuja bandeira—*a Paz*—serve de incitamento a todos os caixeiros para proseguirem com enthusiasmo na lucta encetada.

Um anno de vida, é um anno de lucta energica e persistente: é um anno de lucta sem treguas, são 365 dias de constante tenacidade em prol d'essa enorme alluvião de humildes a que a sociedade dá o nome de caixeiros.

Entra, pois, com o presente numero, em segundo anno de publicação, a nossa querida *Fraternidade*, este valoroso caudilho da classe dos caixeiros portuguezes, que de uma fôrma nobre e altaneira tem batalhado pela liberdade dos opprimidos empregados commerciaes.

Faz pois hoje um anno que um grupo de fervorosos apostolos do movimento caixeiral—grupo de fanaticos pela nossa causa—fizeram apparecer em nossos arraiaes este jacto de luz—luz scintillante—para illuminar o nosso caminho de reivindicação.

E, reconhecendo eu o valor material de um jornal, que é um pregão a fazer echo pela justiça da nossa causa, não posso deixar de dirigir uma calorosa saudação á *Fraternidade*, pelo seu primeiro anniversario; e faço votos, os mais vehementes, porque a classe saiba corresponder á dedicacção da redacção d'este jornal fazendo com que o dia de hoje marque uma época de novos incitamentos aos nossos presados collegas de Barcellos.

Viva a *Fraternidade*!

Setubal, 7-10-05.

A. V. E.

Leandro d'Almeida

Esteve no ultimo dia 10, n'esta villa, em cobrança da importante casa commercial portuense, Sousa & Moraes, Succesores, o nosso presadissimo collega e amigo Antonio Leandro d'Almeida, o qual seguiu viagem para o Alto Minho.

Boa viagem e muito negocio, é o que sinceramente lhe desejamos.

Reunião

No domingo proximo, 22 do corrente, reune a assembleia geral da novel Associação de Classe das Quatro Artes de Construcção Civil, para eleição dos seus corpos gerentes.

Aos socios, lembramos a escolha de companheiros activos, que trabalhem com interesse pelas prosperidades da Associação.

A reunião é ás 10 horas da manhã.

Salvé, illustre combatente

Como o mais humilde e ignoto correspondente da provincia para a *Fraternidade*, cumpre-me, ao passar o 1.º anniversario d'este nosso distincto protector, pôr de parte todos os meus serviços, para, com a minha desmesurada penna encher duas linhas de saudação ao illustre campeão que, desde a sua origem, tem sabido trilhar, com uma idoneidade imperecível, uma linha de correcção e de elevado sentimento patriotico, em defeza da nossa classe.

Penalisa-me, carissimos redactores, o não possuir alguns conhecimentos litterarios para, n'uma occasião tão propicia como esta, vos poder desafogadamente fazer uma demonstração digna de tudo quanto mereceis.

Mas no entanto, com a minha rude e obscura intelligencia, não deixo de collaborar em tão precioso orgão na passagem do seu 2.º anniversario; e, aproveitando esta festejada data, d'aqui envio um cordeal abraço ao seu directo, João de Souza, e felicito entusiasticamente a *Fraternidade* pela sua entrada no segundo anno de existencia.

Salvé, pois, apostolo do bem, protector d'uma classe desventurada!

Arcos de Val-de-Vez.

J. C. MAGALHÃES JUNIOR.

Carta d'aldeia

1.º anniversario

Ao ter hoje conhecimento de que com o presente numero a *Fraternidade* completa um anno de existencia, gloriosa e accerrima na defeza dos direitos da nossa opprimida classe, a quem este quizenario tem prestado importantissimos serviços, não pude deixar de vir, ainda que modestamente, mas com o mais vehemente enthusiasmo, felicitar o corpo redactorial da *Fraternidade* pelo seu anniversario, felicitação esta que vae com o desejo mais ardente de que a sua vida se prolongue muitissimo e que a sua redacção veja coroados de gloria os seus titanicos esforços—gloria que só pôde advir do auxilio pela classe prestado á *Fraternidade*, isentando-a de sacrificios monetarios.

Um bravo, pois, aos illustres collegas da *Fraternidade*, saído do peito de um humilde escravo do balcão, que, no dia de hoje, sente alegria pelo anniversario de um jornal da classe.

Aviz, outubro. 7.

UM MARTYR.

APPENDICE Á CARTA ABERTA

Christo, o incomparavel talento, o espirito clarissimo, foi um philosopho: a sua philosophia moralista, já prégada por Platão, o discipulo illustrado de Socrates, foi por elle divulgada, espalhada com insistencia, com a tenacidade energica de uma vontade imperiosa.

Doutrina revolucionaria defendia os humildes, os fracos, os ignorantes e condemnava declaradamente o egoismo impiedoso, o feudalismo implacavel.

Christo foi um philosopho: a sua philosophia alterada mais tarde pelos continuadores do Christianismo, desenvolvida astuciosamente para adquirir dominios, governar reis e imperadores, tornou-se de uma elasticidade immensa, a arma homicida e traçoira de uma dominação brutal. De Christo fez-se um manequim: elle que proclamava a caridade, a abnegação, o abandono do luxo e das riquezas, a extincção do poderio oppressor, serviu de pretexto para calumniar, transformaram a sua doutrina em uma moral que servia para applaudir um crime, para elevar um assassino, para estrangular um justo! Christo foi um philosopho: apresentamos os seus sequazes como um deus, mau para uns, bom para outros, um idolo para todos: elle, todavia, foi simplesmente um bom, um mestre, um psychologista admiravel Christo foi um philosopho: a philosophia immortal que elle prégou, inspirada na moral de Platão e tendo muitos pontos de contacto com essa moral, se o não considera como seu fundador apresenta-o, contudo, como um continuador, um discipulo, um propagandista mais audaz, mais activo d'essa doutrina sublime que formou os alicerces da civilização humana.

Christo foi, pois, um philosopho: a academia onde cursou, a escola onde aprendeu a sua doutrina, o mestre que lhe inculcou no espirito a moral que divulgou foi o legado deixado por Platão; a sua obra principada e que Christo ampliou e propagandou elevam-no como um philosopho, ainda mesmo que isso desagrade ao sr. Padre Lamella.

Alexandre Herculano, o auctor da Harpa de Crente e apesar dos desvios da sua poderosa intelligencia, diz, não foi um livre-pensador. Herculano principou a Historia de Portugal e não a concluiu, porque o jezuitismo lhe fez uma guerra implacavel ao ter conhecimento que o glorioso historiador, excluía e considerava absurda uma lenda que se espalhou após a batalha de Val de Vez, no reinado de Affonso Henriques. Castilho e Garrett, as duas figuras proeminentes da nossa litteratura, diz tambem, não foram livres pensadores. Castilho e Garrett contribuíram poderosamente para o levantamento da nossa litteratura: a igreja condemnou tudo que offusque o seu poder e estes dois talentos proclamaram mais o

progresso das cousas profanas, do que indicaram a fé religiosa, já completamente olhada com indifferença. Cita o sr. Padre Lamella os argonautas portuguezes: se estes homens seguissem totalmente as ideias do catholicismo, n'aquelle tempo uma instituição honorosissima, collectividade sua, egoista e cruel, collocar-se-iam de bruços ante um altar e nada mais fariam. O catholicismo tem tentado destruir tudo quanto seja util ao progresso dos povos, ao adiantamento moral e material das nações. O livre pensamento é necessario: sem elle a sciencia morria, combatida pelos sectarios de catholicismo, a astronomia era ignorada, a litteratura nada adiantava, seriamos os mesmos fanaticos, estúpidos e boçoes, do tempo de D. João III e enterravamos a nossa nacionalidade, envolta em uma capa negra d'um jesuita!

Quando disse na minha carta aberta, que na historia das grandes evoluções humanas o livre pensamento tem sido o factor mais poderoso, para a realisação das mais inconcebíveis invenções, que se tem produzido para aperfeiçoar a Humanidade, não fiz essa affirmacão impensadamente, ou ainda por ignorancia. Algumas obras tenho lido e se n'ella, comprehendo que as religiões muito contribuíram para a civilização das gerações primitivas, vi tambem que muito tem prejudicado os utilissimos progressos operados nos ultimos seculos. Referindo-me eu aos livres pensadores de todo o mundo, em nada me conveniam as resumidas estações, que o sr. Padre Lamella faz e a que já em outra parte alludo. Vou mencionar-lhe algumas individualidades superiores, que a historia nos aponta como espiritos esclarecidos e que muito trabalharam para aperfeiçoar as artes, a sciencia e a litteratura: Hypathia, mathematica profunda, foi uma das primeiras livres pensadoras que appareceram no globo; mais tarde Copernico, que inventou o systema astronomico; Giordano Bruno, que defendeu heroicamente o systema de Copernico; Galileu, um dos primeiros scientificos mundiaes; Bacon, physico distincto; Pedro de Abano, medico famoso; Bartholomeu de Gusmão, inventor dos balões e perseguido pela igreja como livre pensador.

Recentemente os livres pensadores tem alastrado de tal maneira as vantagens do seu pensar, que todos aquelles que vivem independentes de governadores despoticos, de auctoridades duras e implacaveis se não se consideram completamente livres pensadores, sentem na sua consciencia que um ideal unico, um regimen para todos, uma religião para ser adoptada indistinctamente sem admitir uma ideia, sem tolerar uma contestação é um absurdo estúpido, uma mordaca posta á mentalidade humana. Falleceu ha pouco tempo ainda um livre pensador illustre; pois noticiando a morte d'esse homem insubstituivel um jornal catholico re-

feria, que esse grande caracter fazia falta ao mundo. Esse livre pensador era o imminente geographo Elyseu Réclus. De alguma utilidade foi este homem para o universo; algum legado deixou á posteridade. Não era um inepto, um tolo, um aventureiro: foi um livre pensador. Se o livre pensamento nos limpa do espirito superstições ridiculas, banaes que nos transformam em soloios apalermados; se o livre pensamento nos permite expor claramente o que pensamos, o que sentimos, elevar o bem, condemnar o mal, o que tem elle para provocar uma tão longa exposiçào de palavras vãs, uma erudição acarpinteirada ao sr. Padre Lamella?

Afecta talvez os seus interesses, prejudica-lhe a sua missão quando desempenhada exemplamente?

No ultimo congresso de livres pensadores realizado em Roma, a grande cidade italiana, o mais formidavel reducto do Catholicismo, as conclusões que alli se apresentaram foram demasiadamente eloquentes e a negar completamente que o livre pensamento é uma aberração da intelligencia, como diz o sr. Padre Lamella. O livre pensamento mira a esta conclusão: a investigacão indefinida da Verdade pela Sciencia, do Bem pela moral e do Bello pela Arte. No qual o livre pensamento trabalha para a laicisação das escolas, dos hospitaes e até das nações. O resultado benefico que a realisar se este programma redundaria para o bem commum, é bastante claro: não existiria tão grande numero de analfabetos, como no presente se observa, e que o Catholicismo em nada contribuiu para o debellar; a divulgação da instrucção não convem aos semideuses do Catholicismo, e que se os obrigam a tolerar-a, tratam por todos os meios, introduzir os seus livros perniciosos onde o embrutecimento é a essencia e as trevas o principal fim. A laicisação dos hospitaes tem um alvo ainda mais humanitario: todos os dias, em diversas partes, nas casas de caridade, se o doente que a fatalidade alli conduzia não segue a religião dos dirigentes, das irmãs da caridade que de ordinario governam essas casas, tratam-o mal, como a um ente desprezivel, irracional, inutil.

Os argumentos que apresenta só podem convencer um tolo; na hypothese de eu ser um livre pensador, não encontro justificado direito em recusar a direcção d'um mestre, ou combater as suas theorias quando eu adopto o livre pensamento; hei-de, para ser coerente, respeitar a ideia de outrem.

— Outro não menos irrisorio e incomprehensivel: um homem só pelo motivo de pensar livremente não tem direito nenhum a exigir de mim, ou de qualquer outra pessoa, aquillo que de facto e realmente lhe não pertence; pois se o lezado é livre pensador, porque razão não ha-de pensar o contrario do correliogonario exigente?

A ideia é totalmente livre. De mais o livre pensamento na sua natural significação, em nada implica ou abrange relativamente ao que expõe nos seus argumentos,

Ahi fica, pois, resumido alguma cousa que tenho lido e que de alguma utilidade me serviu, pois suggeriu-me a resposta que merece o sr. Padre Lamella.

Dois declarações tenho a fazer: a redacção d'este quinzenario nada tem com a discussão que sustento com o sr. Padre Lamella. Não altero a profissão de fé descripta na minha carta aberta; se aponto os erros do credo que professo, é simplesmente para mostrar o que originou a appareção do livre pensamento. Não é meu intuito ferir ou offender as crenças de ninguem, nem tão pouco os sacerdotes dignos e que alguns me honram com a sua estima e amizade.

Barcellos, 11—10—05

Francisco Guimarães.

“A Fraternidade,”

Prevenimos os nossos presadissimos assignantes de que está em cobrança o primeiro semestre de assignatura d'este jornal.

E' agora n'esta occasião que nós vamos conhecer os nossos amigos:—os que querem ver na «Fraternidade» um jornal forte e desassombrado na defesa dos interesses da nossa infeliz classe, e os que pretendem vê-la sobrar a golpes de desauxilio.

Uma classe que tem direitos a defender e que precisa da sua imprensa para propagandear a sua causa, deve por dever mesmo nunca abandonar aquelles que lhe dedicam o trabalho mais sincero e mais entusiastico das suas horas livres, porque é dever dos opprimidos trabalhar pela sua libertação.

Assim o esperamos.

Assim crêmos que acontecerá; e oxalá que os nossos assignantes não nos tragam o desconforto, o desanimo e a hesitação no nosso proseguimento no caminho que traçamos e que é luctar e caminhar firmes pela conquista dos direitos d'essa enorme legião de trabalhadores que se chamam—caixeiros.

Sejam amigos nossos e dedicados á causa que defendemos.

A'quelles srs. assignantes que deixaram devolver os recibos, pedimos o obsequio de os mandarem satisfazer, na nossa redacção, enviando-nos as respectivas importancias em vales ou estampilhas postaes.

Antonio Bana

Retirou de Caxias para Lisboa, onde se encontrava a vernear com sua familia, o nosso estimado amigo e collaborador Antonio Bana, um dos collegas que muito tem trabalhado em prol dos caixeiros—um luctador da guarda velha—e que, como todos, só d'estes tem recebido ingratidões.

Noticias de Lisboa

Depois de prolongada ausencia, eis-me de novo apresentando, aos amaveis leitores da *Fraternidade*, as minhas correspondencias d'esta cidade, tão bella como Venus, tão seductora como Margarida.

De novo, que contar, se tudo já são velhices, a começar por mim proprio, que dia a dia envelheço, sem conhecer remedio efficaz para tal mal?

A classe — Continua preguiçosa e indolente, voltando-se continuamente no leito da indifferença pasmosa, que se intretém em intrigas, e que para cumulo se não ufana de ter orientação e principios? Como tudo isto é triste e mais triste ainda por eu ter a infelicidade de pertencer a ella!

Associação dos Caixeiros Portuguezes — Esta util e prestimosa instituição, que colta já um grande numero de annos de existencia, já abriu as matriculas para as seguintes aulas, que devem alli funcionar este anno: escripturação commercial e contabilidade, francez e portuguez, calligraphia e dansa; achando-se já inscriptos muitos associados.

A direcção pensa em inaugurar mais duas aulas, que são: gymnastica elementar e esgrima, porém só as inaugurará, se por ventura pudér fazer as replicações necessarias, para a montagem dos respectivos aparelhos, e o livre jogo de armas.

Em presença da constante propaganda da direcção, e attendendo aos esforços que ella tem empregado para que a classe, que na capital é bastante numerosa, se convença da utilidade em se filiar na Associação, ultimamente tem sido a approvados muitos candidatos, facto que anima a mesma direcção a continuar o programma que traçou ao iniciar a sua gerencia, apesar dos muitos obstaculos que se tem apresentado e da guerra acintosa que lhe tem promovido um grupo de homens de valor.

No proximo dia 1 de novembro realisa-se a sessão solenne para a inauguração das aulas, que devem funcionar durante o periodo de 1905-1906 e distribuição dos diplomas aos alumnos aprovados na ultima epocha escolar.

Loubet em Lisboa — E' o caso sensacional da actualidade a proxima vinda a Lisboa, do presidente da Republica Franceza.

A animação é immensa, mas onde ella se nota mais intensa, é entre o commercio, que capricha não só na ornamentação e illuminação das ruas, onde estão estabelecidos, como tambem de qual será a que produzirá melhor effeito.

O tempo — Por aqui continua um tempo lindo, parecendo mais estarmos em agosto do que já

no outomno, e quasi em meados de outubro.

Novidades — Regressaram a Lisboa os collegas: Silva Rego, de volta dos Açores, Antunes Vaz, do norte do paiz e Annibal de Carvalho Jalles, de Rio Maior, onde tinha ido visitar sua esposa e filhinho, que ali se encontravam a veraneiar.

Alberto Nazareth — Encontra-se actualmente em Paris, já depois de ter visitado Londres e a Suissa, este nosso querido e estimado collega, que deve hoje regressar a Lisboa.

Muita saude e boa viagem é o que lhe desejamos como amigos

Lisboa, 12—10—905.

Seta.

Eccos da quinzena

Agostinho Pires

Tem passado incommodado de saude, o que muito sentimos, o nosso presadissimo collega local Agostinho Pires da Silva. Desejamos-lhe restabelecimento completo e rapido.

Associação operaria

Reuniram, no dia 1 do corrente, na sua sede, os socios da recente Associação de Classe das Quatro Artes de Construção Civil, para discussão do projecto d'estatutos, que vae ser submittido a assignatura regia.

A discussão, que decorreu muito ordeira, prova a harmonia e a paz que reina no seio dos socios da sympathica aggrimação operaria e é garantia de que todos os socios, empenhados em procurar elevar sempre o prestigio do seu gremio, se esforçarão sempre por fazer respeitar esse relicario, que é a Associação e a quem alguém chamou «a mãe dos prodigios».

O operariado barcellense, bastante numeroso como é e que entra agora no verdadeiro campo da reivindicación social com a sua Associação á frente, fazendo desfaldar bem alto a bandeira do trabalho, ha-de dar impulsos vigorosos á sua collectividade, cobrindo-se com a sua bandeira e luctando com enthusiasmo por dar cumprimento ao programma bastante extenso da Associação de Classe das Quatro Artes de Construção Civil.

E a nossa classe — a dos caixeiros portuguezes — formando com os operarios uma só classe — a dos trabalhadores — caminhará com elles para as grandes ondas do futuro, a fazer valer os seus direitos e a fazer victoriosa a justiça!

Recebam por isso os operarios barcellenses, o nosso aperto de mão, o nosso abraço de fraternisação e o incitamento que lhes dirigimos, que serão o sello da nossa alliança com elles e a garantia de que todos somos irmãos, de que todos sofreremos das mesmas tyrannias e de que havemos de trabalhar pela edificação d'esse monumento que se chamará — a emancipação dos que trabalham.

Correspondencias

Povoa de Varzim, 27

Mudança — O sr. Antonio dos Santos Graça, conceituado commerciante d'esta praça, vae mudar no proximo domingo, 1 de outubro, para o largo de S. Roque, 3 e 5, o seu acreditado estabelecimento de fazendas, que actualmente se acha installado na praça do Almada, 66.

— A firma Marques & Carneiro, houve por bem quebrar o compromisso que tomou perante a commissão do encerramento, tendo tido aberto todos os domingos a sua loja de feragens.

E' deveras censuravel o proceder d'este commerciante, que tendo em tão pouca conta a sua palavra e sem ter a menor satisfação para com a direcção da nossa associação de classe, abriu as suas portas ao publico. Os restantes negociantes d'este ramo, depois de fecharem mais algum domingo e vendo que aquelles seus collegas não se compenetravam dos seus deveres, seguiram-lhe o exemplo.

Até breve.

Franco Junior.

Coimhra, 10

Anniversario — Com este numero entra no segundo anno da sua publicação, este quinzenario, jornal que, pela boa orientação do seu director, que desde a sua fundação tem sabido manter, columna por columna, palavra por palavra, a doutrina preciosa que o nome do jornal encerra, sustenta entre todos os jornaes da classe um lugar honroso, que nunca a raiva dos homens nem a inveja d'alguem collega poderá apagar.

Tudo mais que dissesse seria offender a extrema modestia do seu director, e termino por lhe enviar d'aqui um apertado abraço de felicitações.

Continuando — Como os citores deverão estar lembrados, na minha ultima correspondencia perguntei ao illustre director da *Aurora Commercial*, a razão porque tendo pago a minha assignatura d'aquelle jornal em janeiro d'este anno, não mais o tornei a receber d'esde que elle se fundiu com o jornal *O Marchante*.

Antes d'isto, lembrava-lhe tambem a biographia do collega Albino dos Santos publicada por elle n'um numero do seu jornal, cujas phrases na sua maior parte, foram copiadas do

livro *Esboços Litterarios*, de Camillo Castello Branco.

A estas perguntas feitas, sobretudo, com a maior delicadeza, responde-me um senhor *Minerva*, correspondente n'esta cidade da *Voz do Caixeiro*, que julgo ser o mesmo senhor da *Aurora Commercial*, chamando-me malandro, camello, cobarde, etc., etc. Quem lêsse estes insultos, julgal-os-ia escriptos por um apostolo da sciencia, mas... *infelizmente* não!

Elle escreveu a palavra *esvergalhei*, que por mais que procure a sua significação nos melhores dictionarios da nossa lingua, não a encontro.

Seria engano?

Chama camello aos outros!

Malandro, camello e cobarde!

Ninguem me tira da cabeça que o senhor *Minerva* tinha na sua frente um espelho quando escreveu estes insultos, insultos que encontraram em mim uma consciencia d'aço e voltaram de ricochete albergar-se de novo na casa paterna.

— Quem será mais malandro?

Eu, que reclamo o que me pertence, ou elle que gorou o dinheiro alheio?

— Quem será mais camello?

Eu que escrevo o que sei, ou elle que escreve o que copia?

— Quem será mais cobarde?

Eu, que o chamo delicadamente a discutir o assumpto por meio da imprensa, ou elle que com a sua ativez insultuosa pretende disutil-o por meio da bofetada?

Respondam os homens conscienciosos.

Julio.

Villa Real de Santo Antonio.

Reuniram-se no dia 8 do corrente, na sede do Grupo Liberal de instrucção e recreio, os socios do mesmo, para procederem á eleição do vice-presidente.

Foi constituída a meza, presidindo o collega Joaquim Bento Collaço, secretariado pelo 2.º secretario João Guerreiro, sendo eleito por 6 votos o collega Manoel Francisco Borges, que todos os collegas acham com competencia para exercer o cargo para que foi nomeado.

Esperamos que o collega desempenhe com a sua costumada boa vontade o dito cargo, que é uma prova de confiança que n'elle depositamos para encetarmos uma lucta custosa, mas que com prudencia e bom senso se ha-le ganhar.

A. G.

“A FRATERNIDADE”

Orgão dos caixeiros e do commercio em geral

BARCELLOS

Francisco Baynham

Francisco Baynham
 publico a 15 de Outubro
 Barcellos

